

Enunciação nos *trending topics*: um deslocamento teórico a partir de Benveniste no caso das redes sociais

José Augusto Bregalda*
Marlete Sandra Diedrich**

Resumo

As plataformas de redes sociais são espaços virtuais nos quais a língua é mobilizada em atos de enunciação. Por isso, neste estudo, investigamos como se organiza o aparelho/quadro formal da enunciação para compreendermos de que forma se dão as relações *eu-tu* nesse contexto particular. Para tanto, partimos de um deslocamento teórico dos conceitos da teoria de linguagem de Émile Benveniste, especificamente as suas considerações sobre o quadro formal da enunciação, numa abordagem qualitativa, para realizar um breve estudo de caso em que buscamos ilustrar a organização das realizações enunciativas nas redes sociais por meio de um quadro-síntese de princípios benvenistianos. Podemos observar que há certa efemeridade de sentido, dada a constante atualização da língua por manifestações discursivas sempre muito específicas e particulares em enunciações que não param de reproduzir nossa realidade nas redes.

Palavras-chave: Redes sociais; quadro formal da enunciação; língua.

* Universidade de Passo Fundo (UPF). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5374-9769>.

** Universidade de Passo Fundo (UPF). Mestre em Linguística e Doutora em Estudos da Linguagem. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9177-089X>

Enunciation in the trending topics: a theoretical displacement from Benveniste in the case of social media

Abstract

Social media platforms are virtual spaces in which language is mobilized in acts of enunciation. Therefore, in this study, we investigate how the formal apparatus/frame of the enunciation is organized in order to understand how the *I-you* relations occur in this particular context. Therefore, we started from a theoretical shift of the concepts of Émile Benveniste's theory of language, specifically his considerations about the formal framework of enunciation, in a qualitative approach, to carry out a brief case study in which we seek to illustrate the organization of enunciative realizations in social media through a summary framework of Benvenistian principles. We can observe that there is a certain ephemerality of meaning, given the constant updating of language by discursive manifestations that are always very specific and particular in enunciations that do not stop reproducing our reality in social media.

Keywords: Social media; Formal framework of enunciation; Language.

Introdução

As redes sociais vêm nos desafiando e provocando novas práticas sociais de linguagem há anos. São plataformas que nos permitem uma vasta gama de manifestações discursivas, em diversas situações e com múltiplos objetivos, tanto para entretenimento como para trabalho, por exemplo. Dessa forma, para os estudos da enunciação, muitas são as possibilidades de análise dos atos de enunciação que se dão nessas redes, sendo um dos interessantes aspectos a serem observados a atualização de formas e sentidos, assim como a efemeridade do sentido nesse contexto. Este estudo parte de uma perspectiva benvenistiana de enunciação com interesse específico nas relações *eu-tu* nas redes sociais, em uma análise a partir do aparelho/quadro formal da enunciação proposto pelo linguista.

A forma de o homem estar na língua é sempre particular a cada época. Hoje temos uma forte presença das redes sociais no cotidiano de uso da língua, por isso cabe observarmos de que forma as enunciações são construídas nesses ambientes virtuais, posta a sua importância rotineira. Em especial, é de interesse comum compreendermos como essas plataformas organizam e contribuem para a atualização dos discursos, posto que o que hoje está nos *trending topics* ou assuntos do momento, amanhã já não desperta mais o mesmo interesse – e nem o mesmo sentido. Em vista disso é que vemos a relevância social de nosso estudo, que busca, por meio do quadro formal da enunciação, explorar e descrever aspectos da manifestação discursiva nas redes sociais em um deslocamento teórico apoiado em Benveniste, procurando trazer um olhar ao contemporâneo a partir dos conceitos enunciativos estudados.

É importante ainda destacar o caráter de deslocamento teórico que este estudo possui: obviamente, as temáticas exploradas sobre as redes sociais nunca ocuparam os estudos benvenistianos, contudo deslocamos conceitos e princípios da enunciação propostos pelo linguista, a fim de observarmos essas plataformas sob uma ótica enunciativa. Tomando as colocações anteriores em conta, podemos chegar à questão norteadora de nosso estudo que buscamos responder: como se organiza o quadro formal da enunciação na manifestação discursiva das redes sociais no caso das relações *eu-tu*? Logo, propomo-nos a compreender de que forma se organiza tal quadro

a partir de princípios teórico-metodológicos de concepção benvenistiana. Para isso, exploramos o poder enunciativo das redes para analisar de que forma elas configuram a enunciação e observar, em postagens por elas veiculadas, essa realização enunciativa e seus efeitos a partir de um recorte ilustrativo.

Portanto, como fundamentação teórica para o trabalho, trazemos conceitos mobilizados por Émile Benveniste, principalmente oriundos de seus *Problemas de linguística geral I* (1991) e *II* (1989)¹. Em específico, detemo-nos em um texto do segundo livro, intitulado *O aparelho formal da enunciação* (1989), no qual encontramos conceitos já apresentados pelo autor em outras publicações, além de um quadro formal da enunciação que se faz fundamental para nossa análise. Também fundamentamos nossa reflexão em estudiosos da obra benvenistiana, como Flores (2013), Knack (2020) e Toldo (2018). Para isso, o trabalho se vale de uma abordagem qualitativa, caracterizando-se como uma pesquisa bibliográfica em materiais já publicados acerca do tema, e em um estudo de caso, no qual procuraremos estabelecer uma série de princípios para observarmos as realizações enunciativas nas redes sociais a partir de Benveniste.

Para tanto, o trabalho se divide em cinco seções destinadas, respectivamente, à contextualização teórica em Benveniste; breve discussão do poder enunciativo inerente às redes sociais; elaboração de um percurso teórico e um quadro-síntese para podermos observar as redes em um deslocamento teórico; ilustração da organização de aspectos do quadro formal da enunciação a partir de recortes enunciativos da rede social *Twitter*; além de uma seção de considerações finais.

Apontamentos teóricos em Benveniste

Partindo de uma concepção benvenistiana de linguagem e língua, é necessário, inicialmente, esclarecer esses conceitos. Com Ferdinand de Saussure (2012), em seu *Curso de Linguística Geral*, publicado originalmente em 1916, vimos que *a língua* é um sistema, “um arranjo sistemático de partes” (BENVENISTE, 1991, p. 22), desde os mais básicos

¹ Os *Problemas de linguística geral I* e *II* foram originalmente publicados na França, respectivamente em 1966 e 1974.

níveis até os mais complexos. É constituída por combinações exponenciais de um número finito de elementos, seguindo uma estrutura formada pelas relações e oposições estabelecidas entre esses elementos, articulando os diferentes níveis do sistema linguístico. Benveniste, por sua vez, nos diversos artigos que publicou ao longo de sua trajetória, deixa claro que vai além da concepção saussuriana. Seu olhar para a linguagem se volta para a propriedade simbólica.

De acordo com o autor (BENVENISTE, 1991), a função da linguagem reside na *reprodução* da realidade. Essa *reprodução* não tem a ver com cópia, mas sim com a nova produção da realidade. Ou seja, por meio do discurso, o locutor produz novamente a realidade com base em sua visão do acontecimento. Portanto, não há possibilidade de repetição, de cópia, do que se enuncia, nessa concepção, pois cada momento em que se realiza o discurso é diferente, num contexto específico e enunciado por um *eu* diferente para um *tu*, posto que aquele que fala sempre pressupõe o outro – que tem em comum o mesmo sistema –, organizando-se, assim, uma relação recíproca entre *eu* e *tu*.

A manifestação linguística, nessa perspectiva, representa a mais alta forma da faculdade inerente ao homem, a de simbolizar. É nela que a faculdade simbólica atinge sua realização suprema. Mas a linguagem, manifestada numa língua, está disposta em dois planos: do fato físico, pois utiliza como mediação o aparelho vocal e auditivo para se produzir e se fazer perceber; e da estrutura imaterial, pois comunica significados, reproduz os acontecimentos. Dessa forma, o símbolo linguístico torna-se mediatizante, “torna a experiência interior de um sujeito acessível a outro numa expressão articulada e representativa” (BENVENISTE, 1991, p. 30).

Em seu texto *O aparelho formal da enunciação* (1989), Benveniste faz uma distinção entre o que ele chama de emprego das formas e emprego da língua. Toma como emprego das formas “um conjunto de regras, fixando as condições *sintáticas* nas quais as formas podem ou devem normalmente aparecer, uma vez que elas pertencem a um paradigma que arrola as escolhas possíveis”. (BENVENISTE, 1989, p. 81, grifo do autor). Esse emprego das formas, para o linguista, diz respeito ao que se fazia naquela época em Linguística – se abordava o funcionamento da língua numa perspectiva

recortada, pautada em formas. O autor salienta “as relações internas da língua, as condições sintáticas, ou seja, as relações de ordem sintagmática e paradigmática da língua. Esse é o emprego das formas da língua”. (TOLDO, 2018, p. 427).

Em contrapartida, o emprego da língua é compreendido em Benveniste como um “mecanismo total e constante” (1989, p. 82) que mobiliza a língua em sua totalidade. E, nesse sentido, nos é apresentado o que Benveniste compreende por enunciação: “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (1989, p. 82). Ou seja, a enunciação é tanto um ato como um processo em que a língua, como um todo, é mobilizada em função de um emprego individual e específico. Benveniste ainda acrescenta uma diferenciação entre *enunciação* e *enunciado*: enunciação é um processo, enunciado é o produto; enunciação “é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto” (1989, p. 82).

Cabe trazer a definição de *ato* e *processo*. O primeiro termo “diz respeito à relação do locutor com a língua” (TOLDO, 2018, p. 429), numa situação comunicativa sempre única; enquanto o segundo termo se refere à constante renovação do aparelho da língua a cada vez que é manifestado pelo discurso. “É desse processo de agenciamento de formas e sentidos que Benveniste explica três aspectos que a enunciação comporta: a) o aspecto vocal da língua [...]; b) a conversão da língua em discurso [...]; c) o quadro formal de sua realização através do ato, da situação e dos instrumentos.” (TOLDO, 2018, p. 429-430). O quadro formal é o que nos interessa. Esse quadro representa uma abordagem para Benveniste – como afirma Toldo, “um percurso ‘metodológico’” (2018, p. 430) –, porque “[...] na enunciação consideraremos, sucessivamente, o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização”. (BENVENISTE, 1989, p. 83). Constitui-se, assim, uma sucessão lógica: “a partir do ato (individual do locutor que mobiliza o aparelho formal da língua), observa-se a situação em que esse ato se dá e, então, descrevem-se as formas e os recursos linguísticos que concretizaram tal enunciação”. (TOLDO, 2018, p. 430). Assim temos o aparelho formal – ou o quadro formal – da enunciação.

No texto *Da subjetividade na linguagem* (BENVENISTE, 1991), o autor explora os conceitos de subjetividade e intersubjetividade, definidos a partir da mobilização das pessoas do discurso. “É na linguagem e pela

linguagem que o homem se constitui como *sujeito*.” (BENVENISTE, 1991, p. 286, grifo do autor). Para Benveniste, a linguagem se distingue de instrumento, posto que outros instrumentos como a flecha e a roda foram fabricados, e a linguagem não é fabricada. Ela está na natureza do homem, e é ela que o constitui como sujeito. Com isso, se inicia a conceituação de *subjetividade* em Benveniste: essa “capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’”. (1991, p. 286). Para isso, uma reflexão se faz necessária: “A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste”. (BENVENISTE, 1991, p. 286). Há uma relação entre *eu* e *tu* para que haja diálogo e para que *eu* se constitua pessoa. Essa relação de contraste implica reciprocidade, pois *eu* deve se tornar *tu* no momento em que o alocutário torna-se locutor, que por sua vez se denomina *eu*. Essa polaridade é condição essencial para a comunicação e é o que chamamos de *intersubjetividade*.

É partindo dos conceitos e princípios advindos da teoria enunciativa benvenistiana que pretendemos lançar um olhar para o funcionamento da língua nas situações comunicativas das redes sociais. Mais especificamente, pretendemos compreender como ocorre a organização do quadro formal da enunciação, construído a partir da apropriação, pelo locutor, do aparelho formal da língua, ou seja, da língua como um todo (FLORES, 2013), no contexto das redes. Desde a criação das primeiras redes sociais, elas vêm cada vez mais assumindo papel principal na interação entre as pessoas. Dentre outros aspectos, a pandemia do coronavírus (COVID-19) nos revelou claramente esse papel e também como ele pode ser essencial para a manutenção de relações, sejam familiares, de trabalho, de amizade ou até mesmo românticas. O distanciamento social forçou a comunicação da maioria dessas relações para a alternativa virtual e com isso nossa atenção redobrou quanto às estruturas enunciativas dessas plataformas virtuais.

Tendo isso em vista, sabemos que esse caráter das redes, de papel principal na interação social, ou, como destacamos em seguida, de uma forma de estar na língua, caracterizou-se ainda antes do período pandêmico. Muitas polêmicas ocorreram no período eleitoral de 2018, por exemplo, em torno das *fake news* – ou notícias falsas – e acusações de fraudes. Podemos sentir o impacto que essas plataformas podem causar nas estruturas de uma democracia e também por isso dirigimos nossa atenção às redes sociais neste estudo.

Nesse sentido, cabe muito bem lembrar a citação de Benveniste: “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para *viver*” (1989, p. 222, grifo do autor). Em diferentes épocas, o ser humano sempre encontrou formas de estar na língua. As redes sociais hoje constituem uma dessas formas e o homem está na língua de um modo muito particular a partir das redes. A comunicação se faz instantânea, as informações estão em constante atualização e o que está nos *trending topics*², daqui a pouco já não está.

Nesse frenesi, assim digamos, há vantagens e desvantagens. Embora as redes tenham se tornado veículos de comunicação muito eficazes, perdeu-se o controle das proporções que as postagens podem tomar nessas plataformas. As *fake news* são retratos da desvantagem dessa qualidade das redes, porque elas viabilizam que essa desinformação seja distribuída deliberadamente, em plataformas como o *WhatsApp* e o *Facebook*, por exemplo. As notícias falsas são, dessa forma, exemplo claro de como a eficácia comunicativa e a agilidade das redes podem ser desvantajosas, por vezes. Somos capazes de observar que toda e qualquer enunciação nas redes possui locutores e alocutários muito bem definidos, por vezes talvez demais, quando grupos de pessoas com interesses iguais se encontram, em que um *eu* fala com um *tu* muito semelhante a si, não abrindo espaço para que novos discursos permeiem suas enunciações. Isso se torna muito delicado, principalmente em momentos em que o que mais precisamos é de diálogo.

O poder enunciativo das redes sociais

Em todas as épocas da história da atividade humana, os diferentes povos, com suas particularidades, encontraram um modo de estar na língua. Para a teoria enunciativa benvenistiana, este é o princípio mais geral: o homem está na língua (FLORES, 2013). Esses modos de estar, sempre válidos, foram articulando os sistemas linguísticos de hoje e, com isso, foram evoluindo, adaptando-se às necessidades de cada passo frente à modernidade. Nas sociedades contemporâneas, esse modo de estar é um

² Os *trending topics* são os termos (palavras, frases e até mesmo um tópico em si) que se encontram em alta taxa de aparição em publicações nas redes sociais, principalmente no *Twitter*. Quando um assunto, seja ele qual for, é ou torna-se polêmico, muitas pessoas começam a abordá-lo em suas postagens, por conseguinte tal assunto dispara para os *trending topics*.

dos mais complexos que já tivemos, porque muitas são as práticas sociais de linguagem em que se manifestam os atos individuais de enunciação. Esse ato individual de enunciação, que mobiliza o funcionamento da língua como um todo (BENVENISTE, 1989), representa um processo cada vez mais engenhoso de ser analisado, conforme os contextos sociais e a instantaneidade comunicativa possibilitada pela internet e pelas suas mais utilizadas plataformas, as quais chamamos de redes sociais.

Nesse sentido, Silva (2018) auxilia-nos a compreender essa relação entre o homem e a língua a partir de Benveniste, sendo a língua o ponto de acesso “à compreensão dos mecanismos gerais de funcionamento da linguagem na qual o homem se encontra sempre mergulhado”. (SILVA, 2018, p. 422). Ainda sobre isso, a autora afirma:

Assim, a linguagem é, para o linguista, o elo entre os homens, visto não haver relação natural, imediata e direta entre o homem e o mundo, nem entre o homem e o homem. Há um aparato simbólico para intermediar essa relação: a linguagem. Como sistema simbólico por excelência, a linguagem, que se realiza em uma língua particular inseparável de uma sociedade com sua cultura, é o elo intermediário homem-mundo e homem-homem. (SILVA, 2018, p. 422).

Nas redes sociais, temos contato com uma configuração de comunicação muito particular e muito peculiar, a qual funciona como esse elo intermediário homem-mundo e homem-homem – precisamente por ser essencialmente linguagem. Quem é e o que é o assunto do momento? É nessas plataformas que encontramos as respostas para essas e muitas outras perguntas. O nosso modo de estar na língua atualmente está profundamente vinculado a esses veículos, tanto que muitos os utilizam como meio de trabalho, de divulgação, de promoção e constroem carreiras em cima disso. Há “celebridades” que emergiram de canais no YouTube, perfis no Instagram, vídeos no TikTok. Todos conhecem ao menos uma subcelebridade que ganhou fama a partir das redes.

Para além dessa questão, sabemos que discussões também ganham reconhecimento com as redes sociais. Podemos dizer que, nas redes sociais, o locutor se apropria da língua, do aparelho formal da língua, para construir um aparelho formal de enunciação, construir as mais diversas enunciações (FLORES, 2013). Elas vão das mais descontraídas e irrelevantes às mais

sérias e relevantes para o âmbito social, constituindo-se então dois extremos. Num dos extremos, podemos detectar o vestido branco e dourado ou preto e azul: quem estava conectado em 2015, com certeza, se lembra de sua percepção visual sobre a coloração da veste. Mas, também, na outra extremidade, todos se lembram do caso de George Floyd, em 2020, e da massiva repercussão nas redes sociais, abordando direitos civis, fato que acordou na sociedade o tema do antirracismo em potência elevada, graças à relevância dada ao assunto em tais plataformas. Essa larga abrangência do poder digital permite-nos, também, refletir sobre o dito aparelho formal de enunciação, na perspectiva de Flores (2013, p. 168): “não é algo que esteja pronto aprioristicamente e que caberia ao locutor acessar, tomar posse, mas é algo construído a cada enunciação a partir dos recursos da língua em uma dada situação”. As situações destacadas como exemplo servem, portanto, para observarmos essa relação em que os locutores se apropriam da língua para construir um aparelho formal a cada enunciação, a partir de recursos da língua em situações particulares.

É essa potencialidade que configura o poder enunciativo das redes sociais. O potencial de comunicar a um país inteiro ou até globalmente alguma informação é característica própria dessas plataformas. Não há, hoje, outro veículo tão eficaz como as redes quando se trata de comunicar, de divulgar, de fazer conhecer um acontecimento, um crime, um atentado, uma conquista, uma premiação, os resultados olímpicos ou até mesmo a cor de um vestido. Por isso, estamos envolvidos por elas e nelas a todo tempo, pois é nas redes sociais que encontramos diversas funções: há quem use as redes apenas como distração ou entretenimento, mas também há quem as use como ferramenta de trabalho, como meio de socialização entre pessoas com interesses comuns e ainda como plataforma para distribuição de notícias – o que nos leva, inclusive, à problemática das *fake news*, por exemplo.

Há alguns contrapontos a tantas vantagens comunicativas que as redes proporcionam. Existem muitas consequências negativas que derivam das notícias falsas, por exemplo, que viralizam nas redes, principalmente por divulgarem algo absurdo, sem cabimento, mas que convence os leitores não tão atentos de que aquilo é verdadeiro. Sabemos que, hoje, eleições até podem ser manipuladas por meio da desinformação viralizada. As notícias falsas podem manchar a reputação e imagem de muitas pessoas, resultando

em perseguições e linchamentos virtuais. Logo, por mais que acreditemos nesse potencial das redes, ainda há de se ressaltar que ele desconhece limites, pois está sob controle de seus usuários.

Entre vantagens e desvantagens, reconhecemos o poder enunciativo das redes sociais, não como algo a ser admirado nem como algo a ser temido. O poder enunciativo nada mais é do que uma qualidade própria dessas plataformas, no contexto (social, cultural e histórico) atual. É o modo como nos apropriamos da língua nas redes sociais que permite aos locutores enunciar em uma situação comunicativa muito particular, posto que nunca tivemos na história algo semelhante. Dessa forma, propomo-nos na seção seguinte a organizar um percurso de análise desse modo de apropriação, de maneira geral, a partir de uma perspectiva benvenistiana.

Uma proposta a partir do quadro formal da enunciação

Para conseguirmos observar as redes sociais de uma perspectiva enunciativa benvenistiana, propomo-nos aqui a analisá-la com base no texto *O aparelho formal da enunciação* (BENVENISTE, 1989). O nosso interesse, em particular, é compreender de que forma se organiza este aparelho, este quadro formal da enunciação, nas manifestações discursivas nas redes sociais. Para tanto, partimos de um *deslocamento* teórico próprio, tendo em vista que Benveniste, em sua teoria, não teve oportunidade de estudar esse caso específico e, mesmo se tivesse, nada garante que o faria. Por isso, caracterizamos nosso estudo como um *deslocamento*, em concordância com Knack (2020), que define e explica esse conceito “como um ato de resignificação dos fundamentos benvenistianos empreendido pelo leitor-pesquisador a fim de abordar determinado fenômeno”. (KNACK, 2020, p. 159). Ou seja, partimos de Benveniste para que possamos resignificar a compreensão do aparelho formal da enunciação a partir das realizações enunciativas nas redes sociais.

Dessa forma, fazemos nosso deslocamento neste estudo. Mas para isso, levamos em consideração o modo de funcionamento descrito por Knack (2020) e, em seguida, buscamos esclarecer nosso deslocamento a partir de *O aparelho formal da enunciação*. (BENVENISTE, 1989):

[...] de um lado, é preciso identificar em Benveniste princípios que autorizariam abordar determinado fenômeno, princípios que podem ser ou não admitidos pelo linguista, devendo ser sinalizados os termos dessa admissão, quando for o caso; de outro lado, é preciso reinterpretar tais princípios no contexto do fenômeno eleito para pesquisa, elaborando uma perspectiva própria de abordagem do fenômeno. Sob esse prisma, o termo *deslocamento* assume também um *estatuto operatório*, configurando-se como um *mecanismo*, como um *instrumento que exerce um modo de pensamento*. (KNACK, 2020, p. 159, grifos da autora).

“As potencialidades de *O aparelho...* são enormes”, afirma Flores (2013, p. 166). Benveniste apresenta um verdadeiro percurso metodológico a partir desse texto (FLORES, 2013; TOLDO, 2018), cujo objeto é “a enunciação no quadro formal de sua realização” (BENVENISTE, 1989, p. 83). Com o quadro formal, sendo um dos aspectos da enunciação, podemos traçar uma linha metodológica que parte do ato, seguindo para a análise da situação em que esse se dá e, por fim, descrevendo os recursos linguísticos (os instrumentos) que tornaram o ato possível (FLORES, 2013). A partir desses pressupostos teóricos é que levantamos a discussão sobre como se organiza, então, esse quadro formal da enunciação nas manifestações discursivas das redes sociais. Em específico, lançamos um olhar sobre como funciona esse quadro quanto às relações *eu-tu* nas manifestações discursivas nas redes sociais.

Cabe antes explorar o primeiro princípio do percurso proposto por Benveniste e compreender a que se refere o ato. Sobre isso, Benveniste afirma:

O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno. (BENVENISTE, 1989, p. 83-84).

Portanto, partimos do ato individual de enunciação, o qual estabelece um locutor como condição necessária, cuja enunciação mobiliza também um processo de apropriação do aparelho formal da língua que

se renova sempre que manifestado pelo discurso. É no ato que o locutor enuncia sua posição de locutor (*eu*) e assume a língua, e é também aqui que ele implanta o outro (*tu*) diante de si, sendo indiferente o grau de presença atribuído pelo locutor a este outro (BENVENISTE, 1989). Tendo isso em vista, “esse ato supõe diálogo” (FLORES, 2013, p. 167), toda enunciação supõe um alocutário com quem o locutor dialoga. Verificamos isso em qualquer ato enunciativo, logo, também em postagens nas redes sociais: o usuário sempre irá publicar algo tendo implantado o *outro* como condição, sendo este *outro* os seus seguidores, seus amigos mais próximos, sua família ou mesmo um grupo em específico ao qual aquela enunciação se refere. A questão da referência nos leva à análise da próxima etapa do percurso metodológico benvenistiano: a situação.

De acordo com Benveniste (1989, p. 84), a situação se define na enunciação, em que “a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo” e para isso implica referência. No discurso, ao se apropriar da língua, o locutor necessariamente refere e o alocutário correfere. “A referência é parte integrante da enunciação” (BENVENISTE, 1989, p. 84); logo, em toda enunciação, incluindo nas redes sociais, estabelece-se relação com fatos do mundo a partir de referências que partem do locutor e, conseqüentemente, do seu contexto situacional. Essas referências são constantemente atualizadas nas redes. O que hoje está em pauta, amanhã já não está, e já adquiriu um novo sentido. Por ser integrante da enunciação, o valor da referência é conferido no emprego:

[...], ou seja, a língua deve ser considerada na medida em que, através do sujeito falante, no ato de enunciação, ela se refere ao mundo. E o centro desse ato de referência é o sujeito falante, que enuncia sua posição de locutor através de índices específicos ou caracteres formais (CARDOSO, 1997, p. 78).

Lançaremos o olhar, em seguida, a esses índices ou caracteres. Dessa maneira, por fim, resta-nos compreender o que Benveniste entende por recursos linguísticos ou instrumentos de realização da enunciação. O linguista indica, de um lado, índices específicos e, de outro, procedimentos acessórios como instrumentos pelos quais o locutor enuncia sua posição

como locutor e se apropria do aparelho formal da língua (BENVENISTE, 1989). Cabe, então, observarmos e descrevermos do que tratam esses instrumentos específicos e acessórios nos dois parágrafos subsequentes.

Em Benveniste, os índices específicos são os “índices de pessoa (a relação *eu-tu*)” (1989, p. 84, grifos do autor); os “índices de *ostensão*” (1989, p. 84, grifo do autor) (índices que delimitam as coordenadas espaciais da enunciação); “termos que implicam um gesto que designa o objeto ao mesmo tempo que é pronunciada a instância do termo” (1989, p. 85); e as “formas temporais” (1989, p. 85). Em suma, sobre os índices, Aresi afirma que esses: “São as formas específicas das categorias de *pessoa, tempo e espaço*, reveladas na e pela enunciação, e responsáveis por assegurar a referência enquanto condição necessária da enunciação (referência ao ato e à situação de enunciação)”. (2011, p. 272, grifos do autor). Com isso, Benveniste (1989) retoma seus registros e conceitos de textos anteriores como instrumentos, índices específicos, da enunciação.

Quanto aos procedimentos acessórios, de acordo com Flores, sabemos que estão relacionados “à singularidade que cada análise linguística da enunciação evoca, portanto à língua toda”. (2013, p. 169). A noção de procedimento, logo, “está mais relacionada à noção de processo, de modo de organização das unidades, de ‘agenciamento’”. (ARESI, 2011, p. 271-272). A enunciação se vale desses procedimentos, ou seja, propicia condições necessárias para as grandes funções sintáticas, como a intimação, a asserção, a interrogação, e também para as modalidades formais pertencentes ao verbo ou à fraseologia (BENVENISTE, 1989; FLORES, 2013). Flores (2013) ainda nos lembra que Benveniste limita-se a citar esses procedimentos, mas tudo indica que muitos podem ser os mecanismos chamados de procedimentos acessórios da enunciação. Tomamos, portanto, essa noção de procedimento acessório como o movimento de escolhas linguísticas do locutor. Essas escolhas são feitas a partir do aparelho da língua como um todo e assim o locutor se constitui como *eu* na enunciação.

Sendo assim: “Em linhas gerais, o quadro formal da enunciação é constituído pelo ato, no qual estão implicados locutor e alocutário, situação na qual se constitui a referência construída no discurso e os instrumentos de realização, específicos e acessórios”. (FLORES, 2013, p. 167). A partir dessas discussões, Benveniste (1989) aponta o que seria uma outra característica da enunciação, em *O aparelho formal da enunciação* para além da já citada, que acrescenta elementos relevantes quanto ao que chama de quadro figurativo da enunciação. O que caracteriza a enunciação, então, “é a *acentuação da*

relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo”. (BENVENISTE, 1989, p. 87). Flores (2013), sobre a seguinte perspectiva benvenistiana, afirma que o diálogo e a enunciação andam sempre juntos:

Como forma de discurso, a enunciação coloca duas “figuras” igualmente necessárias, uma, origem, a outra, fim da enunciação. É a estrutura do *diálogo*. Duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação. Este quadro é dado necessariamente com a definição da enunciação. (BENVENISTE, 1989, p. 87, grifo do autor).

Tendo em vista o percurso metodológico proposto por Benveniste (1989) em *O aparelho formal da enunciação*, seus apontamentos teóricos e a noção de deslocamento de Knack (2020), propomo-nos a organizar um quadro-síntese com princípios advindos da teoria enunciativa – princípios necessários para a análise das relações enunciativas que se dão nas redes sociais. É importante ressaltar, entretanto, que o nosso objetivo não reside em propor um quadro que seja capaz de esmiuçar detalhes nas realizações enunciativas dessas plataformas, mas sim em realizar um apanhado geral, um quadro capaz de dar conta de resumir os principais princípios da enunciação que são manifestados em relações enunciativas no contexto proposto, das redes sociais. Dessa forma, propomos o seguinte quadro-síntese (Quadro 1):

Quadro 1 – Quadro-síntese de princípios para análise da enunciação nas redes

Princípios da enunciação	Descrição
Princípio 1	<i>Eu</i> só se constitui como locutor quando supõe um <i>tu</i> .
Princípio 2	A relação <i>eu-tu</i> se define a partir do <i>aqui e agora</i> .
Princípio 3	O locutor se apropria da língua como um todo e atualiza suas formas e sentidos sempre que enuncia.
Princípio 4	Os procedimentos acessórios que o locutor particulariza em sua enunciação são efêmeros na <i>reprodução</i> da realidade nas redes.

Fonte: autoria própria³

³ O quadro-síntese foi construído com base em conceitos da teoria da linguagem de Benveniste (1989; 1991).

Para ilustrar os quatro princípios propostos a partir deste quadro-síntese, na seção seguinte, detemo-nos em observar alguns recortes enunciativos da rede social Twitter. Com isso, poderemos comprovar a eficiência ou não desta sintetização para uma aplicação geral nos atos enunciativos realizados nas redes sociais.

Como as redes sociais configuram essa enunciação

Nas seções anteriores, exploramos conceitos enunciativos benvenistianos importantes para pensarmos sobre a questão proposta, além de descrever o que entendemos por poder enunciativo das redes sociais e propor uma relação entre o quadro formal da enunciação e as redes. Nesta seção, voltamo-nos às relações enunciativas na plataforma Twitter, como meio para uma análise ilustrativa do que entendemos do modo como se configura a enunciação nesses contextos das redes sociais. Para isso, partimos dos quatro princípios estabelecidos no Quadro 1 da seção anterior para observar dois recortes enunciativos manifestados no Twitter por usuários – e locutores – dessa rede, selecionados por conterem as expressões “tchau, querida” e “gripezinha”.

Os exemplos ilustrativos escolhidos constituem-se aqui como recortes enunciativos, concebidos como unidades de análise, “como um enunciado que retém as marcas de sua enunciação” (KNACK; SILVA; OLIVEIRA, 2019, p. 517), por meio de determinados procedimentos manifestados na relação *eu-tu*. A partir desses procedimentos, que elencamos como princípios no Quadro 1, ilustramos como as redes sociais configuram a enunciação nos dois recortes a serem explorados a seguir.

Recorte Enunciativo 1 – “Tchau, querida”



Fonte: Tweet de @izabwlla98, 20 de maio de 2020⁴

O primeiro recorte enunciativo escolhido diz respeito à expressão “tchau, querida”, que foi popularizada no ano de 2016⁵. A expressão, à época, estava atrelada ao processo de *impeachment* pelo qual Dilma Rousseff estava passando, mas, antes disso, foi dita pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao se despedir da também ex-presidenta em uma chamada de telefone grampeada. Ao relatar e relembrar a especificidade da realização enunciativa envolvendo essa expressão, ficam-nos claras a continuidade e a temporalidade em Benveniste, “que se engendram no presente incessante da enunciação, que é o presente do próprio ser e que se delimita, por referência interna, entre o que vai se tornar presente e o que já não o é mais” (1989, p. 86). A expressão “tchau, querida”, desde sua primeira referência, já foi atualizada diversas vezes, sempre que manifestada pelo discurso. O tempo é produzido pela realização individual de enunciação e é isso que define o *agora*, na “inserção do discurso no mundo” (BENVENISTE, 1989, p. 85). Desse modo, o Recorte 1 – selecionado anteriormente – nos permite ilustrar como essa relação *eu-tu* ocorre nas redes sociais.

⁴ Disponível em: <https://twitter.com/izabwlla98/status/1263112993539268609>. Acesso em: 5 nov. 2021.

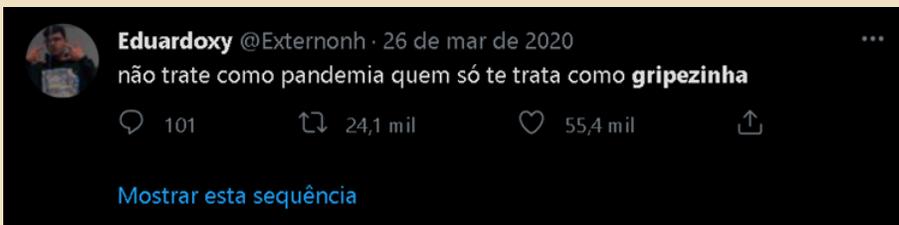
⁵ O ano de 2016 no Brasil foi marcado pelo que muitos hoje chamam de golpe, quando a então presidenta Dilma Rousseff passou por um processo de *impeachment* e foi afastada de seu cargo. Dessa forma, a expressão “tchau, querida” se transformou em motivo de deboche e escárnio contra a política, ao ser resgatada de um grampo telefônico de uma conversa entre os ex-presidentes Lula e Dilma.

Observamos diversos usos e marcas enunciativas próprias das redes sociais no Recorte 1, manifestados pela locutora @izabwlla98. A locutora supõe como alocutários – como *tu* – os demais usuários do Twitter e se constitui como *eu* numa relação que tinha no *aqui e agora* a saída de Regina Duarte do comando da Secretaria de Cultura do Brasil, ocorrida na mesma data da publicação desse *tweet*, em 20 de maio de 2020.

Como destaque para o referido recorte, vamos observar especificamente o uso da *hashtag* (#) #tchauquerida. Em uma apropriação, que é sempre única, a locutora se apropria de uma expressão que já estava na língua e a atualiza em forma e sentido ao empregá-la em uma *hashtag*, e utilizá-la para se referir à saída de outra figura política de seu cargo. Primeiramente utilizada como cordial despedida e em seguida utilizada como apoio ao *impeachment* em seus usos mais conhecidos, a expressão “tchau, querida” se faz coerente para a ilustração da atualização que a enunciação provoca na língua.

A partir dessa breve análise do Recorte 1, somos capazes de perceber e aplicar todos os princípios propostos no Quadro 1, que comentamos em nossos apontamentos até então. Em especial, destacamos a particularização que o locutor realiza da realidade em sua enunciação, e como há uma efemeridade do sentido construído pelos procedimentos mobilizados pelo locutor, “pelos quais as formas linguísticas da enunciação se diversificam e se engendram” (BENVENISTE, 1989, p. 83), sempre que se reproduzem determinadas expressões nas redes. A seguir, exploramos um segundo recorte enunciativo das redes sociais, em específico, do Twitter também.

Recorte Enunciativo 2 – “Gripezinha”



Fonte: *Tweet de @Externonh, 26 mar. 2020*⁶

⁶ Disponível em: <https://twitter.com/Externonh/status/1243018200134103042>. Acesso em: 5 nov. 2021.

Neste segundo recorte enunciativo, observamos a escolha do locutor usuário do Twitter @Externonh pela expressão “gripezinha” em sua realização de enunciação. Ressaltamos o *aqui* e *agora* da enunciação, posto que o signo “gripezinha”, em março de 2020, foi revestido de um novo sentido, ao ser manifestado no discurso do então presidente Jair Messias Bolsonaro em um pronunciamento nacional em rádio e TV. O ato enunciativo do político se tornou muito polêmico devido à comparação feita por ele entre a Covid-19 – doença causadora de uma das maiores pandemias da história da humanidade – e uma “gripezinha” ou “resfriadinho”. Valendo-se desse contexto, o *eu* do Recorte 2 mobiliza novamente o signo ao assumir *tu*. Desta vez, o locutor enuncia um novo sentido para a expressão, fazendo uma comparação entre os termos “pandemia” e “gripezinha” e relacionando-os com os modos como devemos tratar alguém. Desta forma, a enunciação reafirma a maneira correta de nos referirmos à pandemia e, ao mesmo tempo, diminui a seriedade da expressão “gripezinha” empregada pelo presidente.

Novamente notamos no Recorte 2 a dependência do *aqui* e *agora* para o valor enunciativo dessa realização enunciativa na relação *eu-tu*. Nessa relação o locutor se apropria do aparelho formal da língua para se constituir sujeito (BENVENISTE, 1989) e atualiza as formas e sentidos no ato. Com isso verificamos a particularidade do uso, do ato individual, pelas marcas linguísticas manifestadas pelo locutor em sua enunciação, que coloca em funcionamento a língua.

“A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação” (BENVENISTE, 1989, p. 82) e por isso que podemos observar nesses recortes usos particulares que constroem valores enunciativos muito interessantes. “Gripezinha”, assim que se tornou expressão polêmica, não demorou muito para ser enunciada em diferentes atos individuais de enunciação que particularizam seu uso sempre que realizados. Com isso observamos a efemeridade dos procedimentos que o locutor faz em sua enunciação, pois estão constantemente em atualização, reproduzindo a realidade.

Considerações finais

Este estudo buscou esclarecer aspectos enunciativos nas redes sociais, especialmente em torno das relações *eu-tu* no quadro formal da enunciação. Para isso, procuramos responder à questão proposta na Introdução, quanto à organização desse quadro na manifestação discursiva das redes sociais no caso dessas relações, com objetivo de explorar e descrever aspectos do processo em um deslocamento teórico a partir de Benveniste. Logo, um olhar voltado ao contemporâneo, a partir dos conceitos enunciativos do linguista, fez-se necessário para o deslocamento deste estudo.

Com os recortes enunciativos propostos, pudemos ilustrar de que forma os princípios para a análise de enunciação nas redes sociais se apresentam efetivamente, compreendendo um pouco mais sobre como se dão as relações *eu-tu* no contexto virtual. Percebemos, principalmente, questões como a efemeridade dos sentidos atribuídos a certas expressões e a constante atualização da língua pelas redes, que reproduzem conceitos, situações, realizações – enfim, a realidade – num *aqui* e *agora* sempre particular, desempenhando função-chave por partirem do presente contínuo da enunciação.

Dessa forma, nosso estudo contribui para os estudos da enunciação, em específico para os estudos que propõem um deslocamento teórico com base em Benveniste, em uma tomada contemporânea da teoria para observar essas plataformas virtuais que estão sempre presentes no nosso cotidiano. Ademais, vale ressaltar novamente que o objetivo deste trabalho não foi de analisar profundamente a enunciação nas redes sociais, mas sim de elaborar um quadro-síntese capaz de satisfazer uma interpretação das realizações enunciativas nas redes a partir de Benveniste, num âmbito geral. Portanto, mais estudo e aprofundamento podem e devem ser empreendidos para a ideal compreensão desse ambiente enunciativo virtual, dada a sua complexidade e abrangência.

Referências

ARESI, Fábio. Os índices específicos e os procedimentos acessórios da enunciação. **ReVEL**, v. 9, n. 16, p. 262-275, mar. 2011. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_16_os_indices_especificos.pdf. Acesso em: 27 nov. 2021.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1991. 387 p.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1989. 294 p.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. Benveniste: enunciação e referência. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 65-86, jun. 1997. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/1043>. Acesso em: 27 nov. 2021.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013. 199 p.

KNACK, Carolina. De Benveniste às pesquisas prospectivas: a noção de deslocamento e seu valor teórico-metodológico. In: OLIVEIRA, Giovane Fernandes; ARESI, Fábio (org.). **O universo benvenistiano: enunciação, sociedade, semiologia**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 141-163.

KNACK, Carolina; SILVA, Carmem Luci da Costa; OLIVEIRA, Giovane Fernandes. A potencialidade da teoria da linguagem benvenistianiana para o estudo da relação língua-indivíduo-sociedade: o caso dos estrangeirismos no português brasileiro contemporâneo. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 17, n. 3, p. 513-527, set./nov. 2019. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2019.173.06>. Acesso em: 27 nov. 2021.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012. 312 p.

SILVA, Carmem Luci da Costa. O estudo do texto em uma perspectiva enunciativa de linguagem. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 419-433, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/39001>. Acesso em: 27 nov. 2021.

TOLDO, Claudia. O aparelho formal da enunciação: que aparelho é este? **Revista Desenredo**, Passo Fundo, v. 14, n. 3, p. 424-434, set./dez. 2018. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/8607>. Acesso em: 27 nov. 2021.